

Manoel de Oliveira

Não vou por aí

Manuel Casimiro

MANOEL DE OLIVEIRA ESCREVE COM IMAGENS, pinta com palavras, sublinhadas nos sons e nos silêncios. O cinema que realiza de forma genial, *re-inventando* com autenticidade e originalidade, há mais de meio século, valeu-lhe a minha admiração de sempre e o reconhecimento de todos, ou quase todos.

O percurso de Manoel de Oliveira foi cheio de dificuldades de toda a ordem, daquelas que só forte perseverança remove. Poderei testemunhar como observador directo e também por experiência própria, pois os obstáculos e objecções que se depararam no meu caminho, embora diferentes pela especificidade da prática de outro métier, na essência, têm as mesmas razões.

Todo o autor que inova, quero dizer, quando põe o saber e o respectivo entendimento em questão, obrigando a uma forma de ver e compreender diferente, quase sempre encontra oposição, resistência, incompreensão. Os entraves são enormes e tanto maiores vindos daqueles que julgam tudo dominar com vasta erudição. Não há nada pior que uma cabeça repleta de ideias feitas, por isso mesmo já sem capacidade nem lugar para receber mais.

É longo, muito longo o tempo em que o autor caminha só, tendo unicamente como companheiros de viagem a sua autenticidade e lucidez, razões que lhe bastam e o impelem a prosseguir. Por vezes termina o caminhar, antes de qualquer reconhecimento à obra construída, só bem mais tarde é que a aceitação acaba por acontecer. Não foi isso o que se passou, por exemplo, com Fernando Pessoa?

Outros autores levaram mesmo centenas de anos a ser verdadeiramente entendidos universalmente. Com Caravaggio, um dos pintores revisitado nas imagens dos filmes de Manoel de Oliveira, só ao fim de uns três séculos se compreenderia a importância e a influência da sua pintura. Não há resíduos de Caravaggio na pintura de Ribera, Velázquez, Vermeer, La Tour, Rembrandt,



ou mais tarde, na de Delacroix, Courbet ou Manet? A pintura de Caravaggio projecta-se no futuro e tem raízes no passado: Da Vinci, Mantegna, Lotto, Giorgione, Ticiano, ou Bellini.

Dirão alguns que os tempos hoje são outros. Contudo parecem-me bem piores, com uma globalização inevitável, já a avançar, defensora acérrima do bom negócio acima de tudo, impedindo o que se lhe oponha. A originalidade, a autenticidade, num tal panorama, corre risco de não ter razão de ser, pois pela sua própria natureza podem contrariar, dificultar o comércio, o objectivo primeiro.

Vivemos uma época onde paradoxalmente se privilegia a embalagem ao seu conteúdo. Como se não bastasse, teoriza-se filosoficamente o assunto, na defesa de uma lógica dos tempos de hoje, onde o supérfluo se converte no essencial.

Autores como Manoel de Oliveira, que sempre soube resistir neste ambiente cada vez mais hostil, tendem a desaparecer, tornam-se mais raros, pois contrariam a uniformidade do gosto,

afirmando-se pela diferença, pela originalidade, pela autenticidade, indiferentes ao marketing. Obras como a de Manoel de Oliveira possuem uma dinâmica própria, reflectem o passado no presente, e em actualização permanente projectam-se no futuro.

Parece que os grandes criadores como Oliveira possuem uma espécie de genes próprio que os orienta para lá de todas as vicissitudes, no seu próprio caminho. Como tão lucidamente nos disse o seu amigo, e grande poeta, José Régio no poema «Cântico Negro»:

*Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...*

*Se ao que busco saber nenhum
de vós responde,
Porque me repetis: «vem por aqui»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...*



«O Convento» / «Le Couvent» (1995). Coleção
Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

